

# Escrita, voz e política na era digital



Manifestante árabe segura cartaz com nome Facebook, 2011.

## *Tereza Virginia de Almeida*

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora do Centro de Comunicação e Expressão e do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Autora de *A ausência lilás da Semana de Arte Moderna: o olhar pós-moderno*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998. tvirginia2004@yahoo.com.br

## Escrita, voz e política na era digital\*

Writing, voice, and politics in the digital age

Tereza Virginia de Almeida

### RESUMO

A cultura digital transformou os lugares e agentes relacionados à escrita e à vocalidade. A escrita se aproxima da fala, a publicação pode ocorrer sem mediação, e é possível transmitir a voz em arquivos. Além disso, a noção de compartilhamento desafia os usuais lugares de autoria e aproxima os polos de produção e recepção. Se a cultura do impresso representou o recalque do corpo e o processo de autonomização do texto, a cultura digital, em sua demanda pela conexão constante, aproxima o corpo do texto. Seria, assim, admissível definir a cultura contemporânea como uma cultura barroca, pelo infinito apelo ao sensorial que oferece aos corpos conectados? Quais impactos produz o arquivo contemporâneo em que se pode transportar imagem, escrita e som quando comparado ao texto impresso? O que faz do arquivo digital um meio tão eficaz de mobilização política?

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura digital; escrita; voz.

### ABSTRACT

Digital culture has transformed places and agents related to writing and vocality. Writing is closer to orality, publications might not include mediation, and digital files can disseminate voice. Moreover, the notion of "sharing" challenges usual authorship and closes the gap between text production and reception. While printed culture meant body repression and text autonomy, digital culture, by requiring seamless connection, brings body closer to text. Thus, would it be admissible to define contemporary culture as baroque due to its endless sensory appeal to connected bodies? What is the impact of contemporary files - which can carry image, text, and sound -, relative to the impact of printed text? What makes digital files such effective means for political mobilization?

**KEYWORDS:** digital culture; writing; voice.



As transformações trazidas pela cultura digital no que diz respeito ao ato de escrever são bem mais impactantes do que poderia sugerir uma rápida abordagem do fenômeno. Desde que o computador passou a fazer parte do cotidiano e a figurar em considerável número de residências, o que se deu foi uma transformação radical no que diz respeito aos agentes envolvidos com o ato da escrita, bem como nas formas de circulação daquilo que se escreve. A escrita se distancia de forma crescente das fronteiras anteriormente demarcadas entre o privado e o público e publicar se torna algo cada vez mais distante das instâncias legitimadoras que atribuíam valor ao impresso.

\* Artigo escrito durante estágio sênior na La Trobe University, na Austrália, com financiamento da Capes.

No mundo virtual, com exceção de alguns veículos, tais como revistas acadêmicas e *sites* institucionais, o que se escreve se torna público sem que para isto tenha que responder a critérios de legitimidade e passa a ser mediado pelas instituições somente nos casos inevitavelmente relacionados a questões legais, ou seja, quando envolve ofensas, danos morais etc. A principal distinção que a cultura digital traz para o indivíduo não está no poder de escrever, já que a escrita sempre esteve acessível ao cidadão alfabetizado, mas na rapidez com que se torna possível fazer circular, tornar público o que se escreve. Com isto, tem-se à disposição na rede conteúdos diversificados e de origens múltiplas: *blogs*, perfis em redes sociais, *sites* pessoais, etc. são acessíveis em segundos em um imenso e aparentemente infinito espaço em que as mais sofisticadas estratégias de marketing de empresas, cujos conteúdos disponibilizados na internet visam lucro, convivem com dados de cunho pessoal.

A cultura digital permite que se disponibilize a cada dia uma diversidade de ambientes dentro desse ambiente maior denominado virtual. De acordo com os recursos disponíveis, variam também os comportamentos diante da palavra escrita e de outras formas de linguagem, já que são os recursos que modelam os conteúdos disponibilizados na rede pelos usuários. Há o *twitter* com seu limite de palavras, o *facebook* em que a palavra escrita se apresenta em postagens mescladas com imagens, mas no qual também é possível compartilhar arquivos do *youtube*, há os *blogs*, há os *e-mails* e há os *chats* em que a escrita tende a se comportar na fronteira com a oralidade, já que se trata de uma conversa em tempo real entre um ou mais indivíduos.

Independentemente do tipo de atividade que se utilize na internet, o mais importante é a prevalência da demanda contemporânea pela conexão à rede, onde circulam desde as últimas notícias em escala global até as fotos de amigos. Como esses conteúdos são disponibilizados de forma contínua e instantânea, estar desconectado pode corresponder para muitos a um sentimento de não pertencimento, de exclusão, uma forma de morte. Daí a extensão da conexão à internet dos celulares, em que hoje as mensagens de textos prevalecem sobre as chamadas telefônicas em função do baixo custo.

## Da imprensa à escrita digital

Hans Ulrich Gumbrecht assinalou a ruptura radical que significou a invenção da imprensa no século XV, fenômeno que modela a própria noção moderna do humano em sua relação com a sensibilidade.<sup>1</sup> Para Gumbrecht, a invenção da imprensa e, portanto, a emergência de um texto que pode circular independente daquele que lhe dá origem, e em relação ao qual adquire autonomia, representa o recalque do corpo, o que, por sua vez, possibilita a emergência da moderna dicotomia entre corpo e espírito, bem como das modernas noções de subjetividade e de autoria que vêm a configurar uma estreita relação entre o ato de leitura e a inferência de sentido.

O que vale indagar é se a rapidez, a instantaneidade da escrita virtual não representa justamente uma reversão neste panorama. Em outras palavras, ao estabelecer um paralelo entre a cultura do impresso e a cultura digital, o que se percebe é que, na última, é possível atentar para a constante demanda em torno da proximidade entre corpo e texto. Com isto, as condições de produção e recepção estão constantemente em cena, bem como há uma maior proximidade entre esses dois polos.

<sup>1</sup> Ver GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 67-108.

<sup>2</sup>Cf. AUSLANDER, Philip. *Liveness: performance in a mediatized culture*. London & New York: Routledge, 1999.

<sup>3</sup> Cf. *idem*. Digital liveness: a historico-philosophical perspective. *PAJ: A Journal of Performance and Art*, September 2012, XXXIV, n. 3, Cambridge, MIT Press.

<sup>4</sup>Cf. *idem, ibidem*, p 8 e 9.



“Você é o que compartilha” é a máxima do *facebook* que evidencia a impossibilidade contemporânea de separação entre corpo e texto. Por sua vez, o compartilhamento é algo que se distingue da noção de autoria. É possível compartilhar não apenas o que se produz, mas o que se origina de outros, conhecidos ou não. No compartilhamento, produção e recepção, escrita e leitura se encontram. Compartilhar é tomar para si, marcar o texto com sua identidade.

Ao mesmo tempo, essa demanda pela conexão transforma, como já apontou Philippe Auslander a compreensão do “ao vivo”. Em sua obra *Liveness*, Auslander demonstra como a noção contida na palavra que dá título a seu livro só passa a existir a partir do momento em que surgem as técnicas de gravação de áudio e vídeo que permitem que algo possa ser visto e/ou ouvido em momento posterior ao de sua ocorrência.<sup>2</sup> Ou seja, o valor atribuído a performances ao vivo só pode emergir como contraponto daquilo que é gravado ou reproduzido. A historicidade da compreensão de “ao vivo” é demonstrada também pelo autor, ao enfatizar que, com o tempo, surgiram a transmissão e a gravação ao vivo, ou seja, formas de experiência em que a copresença de parte da audiência pode ocorrer sem qualquer forma de mediação.<sup>3</sup>

Por sua vez, segundo Auslander, a cultura digital opera, ainda, uma nova transformação no termo. “Digital liveness” ou o “ao vivo digital” se refere ao fato de que, ao se tornar possível trocar informações, conversar em tempo real, as pessoas passam a compreender essa simultaneidade como presença, em substituição à copresença física da interação face a face. Trata-se de uma transformação da sensibilidade que atua na percepção das formas e espaços de sociabilidade. Não é à toa que tratamos a internet como um ambiente, no qual entramos e do qual saímos, no qual estamos presentes ou não, onde encontramos ou não as pessoas.

Auslander estabelece uma analogia com as colocações de Gadamer, para quem para que uma obra de arte se torne significativa, o receptor precisa vivenciá-la como contemporânea, mesmo que tenha sido produzida no passado. O argumento de Auslander, baseado na analogia com a noção de temporalidade estética de Gadamer, é a de que os artefatos tecnológicos demandam que as audiências respondam em tempo real, mas isto só ocorre quando essas mesmas audiências se engajam de forma a atender a esta demanda.<sup>4</sup>

Ao contrário do texto impresso, que independe daquele que escreve para atingir seu receptor, e que passa a adquirir valor e autonomia como objeto, a escrita virtual tende a encaminhar-se em outra direção: ali os textos são recentes, o *blog* deve ser atualizado, os *e-mails* respondidos. A demanda a que se refere Philip Auslander e que tendemos a atender, de forma ávida, é a de que estamos interagindo em tempo real.

A era da imprensa parece ter se esmerado no recalque do corpo ao demandar a compreensão de textos como objetos que poderiam ser lidos de forma autônoma. Não é à toa que os estudos literários criaram formas para que isso se tornasse possível, deixando de lado, por muito tempo, as condições com as quais os humanos produziam e recebiam textos tratados, por sua vez, como entidades autônomas capazes de responder a qualquer indagação acerca de seus significados.

Essa parece ser a grande contradição dessa presença ostensiva da máquina em nossa contemporânea interação com o mundo: o computador demanda constantemente a presença de um corpo que com ele se conecte

e nele busque, leia e crie conteúdo. Independentemente das possibilidades de simulação e dissimulação subjetivas que a rede oferece, o computador vem a ser pensado como prótese, prolongamento, extensão desse corpo biológico que somente vivo pode responder às demandas em torno de sua presença. Ao invés de altamente centrada na máquina, a cultura virtual pode, assim, ser percebida como uma cultura que não se pauta na tecnologia em si, mas na interação entre o humano e a máquina.

Anna Munster aborda essa complexa relação a partir da noção de dobra com a qual Gilles Deleuze compreende a cultura barroca. A dobra que vai ao infinito seria, para Deleuze, o elemento que possibilita a conexão entre os mundos material e imaterial. O autor apresenta, para tal, a alegoria da casa barroca composta de dois andares conectados pelo lado de dentro. No andar de cima, fechado, estaria o imaterial e no andar de baixo a matéria que poderia se comunicar tanto com o andar de cima quanto com o exterior através de janelas.<sup>5</sup>

Munster vê na percepção da cultura contemporânea como barroca a forma de confrontar a ideia de que a cultura digital pressuporia a transformação do humano em *cyborg*. Ao contrário, a cultura digital ofereceria ao humano extensões de seu próprio corpo capazes de implementar suas experiências sensoriais. Mas, para isso, seria preciso compreender a corporeidade não apenas como algo demarcado e definido como interioridade.<sup>6</sup>

A proposta me parece instigante, já que possibilita abordar uma relação não opositiva entre corpo e máquina na era digital. A percepção da demanda pela presença do corpo interativo, apresentada pelo computador, encontra, assim, na noção de dobra uma abordagem em que diferença e identidade podem ser contempladas.

É importante perceber que o corpo conectado responde sensorialmente à máquina de forma múltipla: trata-se de um corpo que lê, vê, ouve e fala e que, com isso, está muito mais próximo das interações cotidianas do que em sua relação silenciosa com a leitura ou com a escrita. Trata-se de um corpo que é também maquínico e que depende do bom funcionamento de seus mecanismos para todas as percepções sensoriais envolvidas na interação com suas próteses.

Segundo Munster, a cultura digital pode ser pensada como superdobra que envolve um infinito número de dobras, como, por exemplo, quando permite que um arquivo circule infinitamente, ao poder ser baixado em inúmeros computadores. A abordagem permite, ainda, que se compreenda a cultura digital como continuidade do mundo real, vivenciado por corpos que atuam politicamente e não como uma cultura que se pauta em simulações e ilusões.<sup>7</sup> Esses corpos, por sua vez, lidam com a linguagem não apenas por intermédio da escrita, mas da escuta e da fala. O corpo conectado é altamente estimulado sensorialmente e vivencia novas formas de experiências estéticas na cultura digital que, também por esse amplo apelo aos sentidos, aproxima-se da cultura barroca.

O computador, em continuidade às mudanças trazidas pelo rádio e pela televisão, é igualmente um veículo que permite a presença da voz. Resta saber que desafio se encontra ao pensar a facilidade que a cultura digital oferece para a produção e circulação de arquivos de voz. Em que a comunicação vocal difere da comunicação escrita?

<sup>5</sup> Ver DELEUZE, Gilles. *Le pli: Leibniz et le Baroque*. Paris: Editions de Minuit, 1988, p. 5-11.

<sup>6</sup> Ver MUNSTER, Anna. *Materializing new media: embodiment in information aesthetics*. Hanover-New Hampshire: Dartmouth College Press, 2006, p. 32 e 33.

<sup>7</sup> Ver *idem, ibidem*, p. 34.

<sup>8</sup> NANCY, Jean-Luc. *Listening*. New York: Fordham University Press, 2007, p. 14.

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p. 35.

<sup>10</sup> *Idem*.

<sup>11</sup> ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo*. São Paulo: Ateliê, 2005, p. 62.

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, p. 63.

<sup>13</sup> Ver VALENTE, Heloísa Duarte. *Os cantos da voz: entre o ruído e o silêncio*. São Paulo: Annablume, 1999, p. 119-152.

## A voz na cultura digital

A cultura digital permite que se passe em instantes da escrita para a audição. Canções, aulas, palestras, entrevistas estão disponíveis na rede que possibilita a escuta e o compartilhamento, podendo-se disponibilizar arquivos com voz, acrescidos ou não de imagem. É possível falar por meio do computador como se fala ao telefone. Mas o que há na voz que pode fazer sua presença como transmissora de linguagem algo muito distinto da palavra escrita? Antes de tudo, a voz é indissociável do corpo que a emite. Só há voz quando há a respiração corpórea. A voz traz em si o gênero e mais alguma informação sobre aquele que a emite, com seu timbre, sua tessitura, sua qualidade.

Antes de tudo, a voz é acessada através da escuta. Tanto por quem a emite quanto por quem a recebe: “o som que penetra pelos ouvidos propaga pelo corpo inteiro algo de seus efeitos, o que não pode ser dito da mesma maneira acerca do signo visual”, observa Jean Luc-Nancy.<sup>8</sup> Além da explícita relação com o corpo, a voz não se restringe à linguagem e nem à transmissão de significado. Para Nancy, “falar não é apenas significar, mas é também sempre ditar, *dictare*, ou seja, dar ao dizer seu tom e seu estilo.”<sup>9</sup> Algo que seria, segundo o filósofo, da ordem da musicalidade da linguagem, algo que se mantém no nível da sintaxe, mas não no nível da significação, embora “a dicção venha a modular e afetar a semântica”.<sup>10</sup>

A escuta da voz não é, portanto, a exposição apenas a outra forma de transmissão de uma linguagem que pode nos afetar graças à escrita. Não se trata da passagem simplesmente da escrita à oralidade. Por isso mesmo, o medievalista Paul Zumthor, em dado momento, muda seu foco de investigação da oralidade, como meio de transmissão, para a vocalidade em si, trazendo para o centro de suas preocupações a voz enquanto “coisa”, que se define por propriedades específicas, como “tom, timbre, alcance, altura, registro”<sup>11</sup> e que se coloca como “presença que se diz a si própria”.<sup>12</sup> Para Zumthor, o privilégio da vocalidade sobre a oralidade diz respeito ao fato de que esta última, tal como a escrita, se define por sua relação com a linguagem da qual a voz como objeto se liberta.

Zumthor é, ainda, o responsável pelo amplo trânsito do termo *performance* nos estudos literários, bem como em outras áreas das ciências humanas e sociais. A *performance*, como conceito, demanda, por sua vez, que se inscrevam todos os elementos que envolvem uma situação comunicacional. Nesse sentido, é importante frisar que, se o termo é muitas vezes associado à ideia de fenômeno irrepetível, modelado por circunstâncias espaço-temporais, o próprio Zumthor o associa à possibilidade de midiaticização. Dessa forma, seria possível falar tanto da *performance* que dá origem ao arquivo quanto das inúmeras *performances* que ocorrem nas execuções, modeladas pelas diferentes condições de recepção e fruição, que envolvem desde a qualidade do aparato tecnológico até as condições psicológicas do ouvinte ou ouvinte-espectador, e incluem, ainda, a maneira como o receptor reage e executa suas próprias *performances* diante, a partir e com os arquivos digitais que lhe são disponíveis.

Heloísa Duarte Valente desdobra a ideia de voz midiaticizada de Zumthor ao abordar tanto a “voz esquizofônica”, possibilitada pelas técnicas de gravação que deram margem à não coincidência entre os contextos de produção e recepção sonora, quanto a “voz virtual”, ou seja, aquela que foi processada e transformada graças às intervenções tecnológicas.<sup>13</sup> A

meu ver, essas vozes permitem que se retome tanto a noção de *performance*, agora aplicada ao próprio fazer tecnológico (a *performance* do engenheiro acústico, por exemplo), quanto a centralidade que o ato da recepção dos arquivos digitais adquire no atual contexto.

Na medida em que é dado ao receptor de arquivos digitais compartilhar com outros receptores os conteúdos que lhe estão disponíveis, ele ou ela passam a não apenas consumir mas também promover a tessitura entre arquivos de áudios ou audiovisuais, tal como ocorre com os arquivos de textos. No caso dos arquivos de voz, ao compartilhar se deseja fazer ouvir, atingir pela via da escuta, seja esta acompanhada ou não de imagem.

Assim, o ato de recepção na internet está sempre em vias de se tornar alguma atividade em que a subjetividade daquele que responde, comenta, compartilha vai se tecendo de arquivo a arquivo. Tomemos como parâmetro uma rede social específica: o *facebook*. Uma sequência de compartilhamentos pode ser pensada como uma “conversa” fragmentada, em que se utilizam as vozes de outros. Um depoimento pode ser compartilhado e, em seguida, uma canção. Muitas vezes ao longo do dia, a sequência se dá em torno de um tema. Em outros casos, os compartilhamentos são endereçados a receptores determinados, estabelecendo assim múltiplas “conversas”. Sem que nada fale, aquele que compartilha sabe que a linguagem transmitida pela voz tem sua eficácia própria que não reside apenas no argumento, no que se encontra no âmbito semântico, mas no poder que há em atingir o receptor por meio da escuta. Embora o poder de fazer ver por intermédio da imagem seja inegável, a escuta da voz possibilita a ativação simultânea da linguagem verbal e do que se dá para além desta, sendo a tensa relação entre vocalidade e semântica objeto de interesse de muitos estudiosos.

Adriana Cavarero chama atenção para alguns aspectos ainda não previstos nas reflexões anteriores: o caráter relacional e a unicidade da voz. O primeiro possibilita que se enfatize a figura do receptor, já que a vocalização pressupõe a escuta de alguém também apto a vocalizar, e o segundo opera como um dispositivo em função do qual a pensadora confronta toda a filosofia ocidental em sua tendência às categorias generalizantes. Essa é a crítica que Cavarero dirige também a Zumthor a quem atribui o mérito de libertar a voz da linguagem e trazê-la para “a economia pulsional, ligada aos ritmos do corpo”<sup>14</sup>, mas que tenderia a tratar a voz ainda como algo genérico. A questão crucial, para Cavarero, é o confronto do logocentrismo com base na denúncia do que ela chama de desvocalização do logos na tradição metafísica, uma operação que “consiste no duplo gesto que separa a palavra e os falantes para assentar a primeira no pensamento ou, se preferir, no significado mental de que a palavra mesma, na sua materialidade sonora, seria expressão, significante acústico, signo audível”.<sup>15</sup> Dessa perspectiva, Cavarero desafia a tese de Derrida que liga a metafísica ao fonocentrismo, à qual contrapõe sua própria teoria de que o elemento-chave da voz é a unicidade.

Ao pleitear a abordagem da voz como unicidade que remete à cena materna e à percepção da palavra em sua origem corpórea, Cavarero confronta a ideia abstrata de sujeito e, ainda, atribui à voz uma dimensão semântica, que reside nos próprios contornos musicais inerentes ao dizer.<sup>16</sup>

No primeiro segmento deste artigo, já me referi ao fato de que a cultura digital aproxima o corpo do texto ao demandar a conexão. O fato de que a rede possibilita a rápida transmissão ou visualização de arquivos visuais e audiovisuais permite constatar o papel crucial desempenhado

<sup>14</sup> CAVARERO, Adriana. *Vozes plurais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 26.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, p. 24.

<sup>16</sup> Cf. *idem, ibidem*, p.210 e 211.

<sup>17</sup> Ver DOLAR, Mladen. *A voice and nothing more*. Cambridge-Masachussetts: MIT Press, 2006.

<sup>18</sup> DOLAR, Mladen. The object voice. In: ZIZEK, Slavoj e SALECL, Renata. *Gaze and voice as love objects*. Durham-London: Duke University Press, 1996, p. 8.

<sup>19</sup> Ver *idem, ibidem*, p. 9.

<sup>20</sup> DOLAR, Mladen. *A voice and nothing more, op. cit.*, p. 15.

pelo corpo na cultura digital. É possível afirmar que estar em conexão com a rede é não apenas se expor à diversidade de estímulos sensoriais, mas também expor o corpo a uma relação com a linguagem em que a semântica se coloca simultaneamente como presença e como ausência.

Mladen Dolar, assim como Cavarero, responde à tese de Derrida acerca da relação entre logocentrismo e fonocentrismo, mas o faz a partir de um viés psicanalítico que vem retomar as contribuições de Lacan. Dolar aborda e, ao mesmo tempo, problematiza a voz em seu aspecto sensorial, como elemento acima da linguagem e do sentido e que, corpóreo, se manifesta, por exemplo, no canto e no riso e não pode ser separado em traços distintivos.<sup>17</sup> O alvo principal de Mladen Dolar é a centralização da fonologia no conceito de fonema, e seus traços distintivos: “os fonemas carecem de substância, eles são completamente redutíveis à forma [...] e carecem de qualquer significação própria”.<sup>18</sup> Para Dolar, a proposta através da qual a sonoridade da língua se reduz à compreensão dos fonemas como feixes de traços distintivos é, antes de tudo, uma forma de liquidação da voz.<sup>19</sup> E isso ocorre justamente porque a voz não interessa à fonologia na medida em que seria na linguagem verbal “o elemento material recalcitrante ao sentido”, “o elemento extralinguístico que promove o fenômeno da fala, mas que não pode ser distinguido pela linguística”.<sup>20</sup>

Com isso, o que se percebe é que a passagem da escrita à fala, da escrita à audição da voz é algo em que se transforma completamente tanto para o emissor quanto para o receptor a relação com a produção de significado. E tal se dá porque o corpo, coadjuvante na escrita, passa a uma posição central, na medida em que a voz é dele inseparável. O processo é, portanto, o de corporificação que se opõe ao processo da leitura, compreendida, mesmo que falaciosamente (pois aí está a literatura para testemunhar a relação entre corpo e escrita e entre escrita e voz), como intelectualivo.

Se a relação da voz e do significado é uma relação de tensão, há de se compreender que o fato de estarmos hoje, na rede, imersos em um mundo híbrido em que vozes, imagens e escrita se alternam, se complementam e dialogam entre si deve corresponder a uma renovada interação com o que o se veicula. Restaria, pois, perguntar: o que diferencia o arquivo digital? O que se arquiva na cultura digital?

### Arquivo digital e política na rede

No dia 17 de junho de 2013, milhares de pessoas foram às ruas na cidade de São Paulo. Cerca de dez mil indivíduos protestavam contra o aumento nas tarifas do transporte público da cidade. A manifestação, que teve forte repressão policial, foi sucedida por outras em diversas cidades brasileiras, umas com a mesma pauta em torno da mobilidade urbana, outras com alvos diversos, como os altos valores gastos na construção de estádios para a Copa do Mundo de 2014, ou uma pauta mais difusa, que bradava de forma generalizada contra a corrupção na esfera política. Não tardou para que as manifestações tivessem consequências: as tarifas de ônibus baixaram de preço e a presidenta do país, Dilma Rousseff, convocou ministro e governadores para um grande pacto e anunciou a convocação de um plebiscito.

Na verdade, o clima que tomou conta do país surpreendeu a todos, principalmente a grande mídia que inicialmente tentou boicotar os atos até passar a cobri-los, passando a atacar o que ficou genericamente carac-



terizado sob o termo “vandalismo”, associado a atos tão distintos quanto a quebra dos vidros do Palácio do Itamaraty em Brasília, saques a lojas e queima de automóveis.

A surpresa, entretanto, advinha de um novo fator: assim como nas manifestações ocorridas em outras partes do mundo – da Primavera Árabe que teve início em 2010 aos movimentos Occupy, iniciados em Wall Street em 2011 – as manifestações brasileiras teriam sido deflagradas, convocadas, organizadas através das redes sociais, sem que os indivíduos nelas envolvidos tivessem propriamente qualquer filiação partidária. Dessa vez, ao contrário, diferentemente do ativismo praticado na rede, que costuma girar em torno de assinaturas de petições *on line*, as manifestações mostravam, de forma vigorosa, a capacidade da conexão no espaço virtual de levar a ações efetivas de corpos no espaço da rua. Pacíficas ou violentas, as aglomerações nas ruas provavam que a rede não era algo abstrato, imaterial, alienado do mundo real.

Embora essa primeira ação tenha se originado no MPL (Movimento Passe Livre), que sempre se caracterizou como apartidário em sua luta pela gratuidade do transporte público, a natureza virtual da convocação do que se tornou um fenômeno surpreendente do terceiro milênio no Brasil parece ser a responsável tanto pela quantidade de pessoas nas ruas das cidades quanto pela heterogeneidade de suas intenções e compromissos. Logo nos primeiros dias de manifestações, foi possível perceber como se mesclavam reivindicações contrárias ao aumento das tarifas com um difuso clima de patriotismo expresso pela substituição das palavras de protesto pelo canto do hino nacional e pela presença de bandeiras do Brasil, o que fez com que, logo, alguns setores da esquerda denunciassem o que compreendiam como “fascismo”.

Nas mídias sociais, algumas pessoas se utilizavam da máscara do Anonymous, que afirmava o apartidarismo das mobilizações. Também esta foi logo associada com tendências direitistas e houve até quem dissesse que havia financiamento americano para a organização, já que a máscara esteve presente em manifestações de vários países, sempre com presença de cartazes em língua inglesa.

O que é certo: tenha havido ou não organizações ou partidos liderando alguns setores dos que participaram das manifestações, a inserção digital foi responsável pelo engajamento de tantas pessoas, a ponto de se criar uma crise política no país. Independentemente das diferenças ideológicas ou mesmo da ausência de ideologia, o fenômeno produziu resultados que caberá à história analisar daqui a alguns anos. Por ora, o que se pergunta é o que faz da conexão à rede um instrumento tão forte de mobilização das pessoas.

É preciso, antes de tudo, que se investigue a natureza desse grande arquivo que se forma com a rede, um arquivo multifacetado em múltiplos arquivos de naturezas diversas. Segundo Derrida, “a natureza técnica do arquivo arquivante determina também a estrutura do conteúdo arquivável em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento”.<sup>21</sup> A premissa é extremamente relevante para que se compreenda de que maneira as formas disponíveis para coletar e transmitir podem não somente afetar mas produzir os eventos.

Preliminarmente, deve-se compreender que qualquer transformação no modo de configuração de arquivos de uma sociedade produz inevitavelmente impactos na memória coletiva, o que pode vir a gerar mudanças de

<sup>21</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 29.

<sup>22</sup> LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 12.

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*, p. 33.

ordem tanto ideológica quanto comportamental por parte dos indivíduos envolvidos.

Antes do surgimento da era digital, é possível dizer que a memória coletiva se produzia a partir do que a grande imprensa e as mídias radiofônicas e televisivas disponibilizavam. Com o advento do computador, este material continua sendo intensamente compartilhado pelos usuários da rede que disponibilizam, compartilham *links* para vídeos e textos produzidos pela mídia tradicional. Entretanto, toda forma de arquivo dessa natureza, seja de texto ou imagem, tende a ser acompanhado por comentários de quem compartilha e dos demais receptores também aptos a compartilhar. Com isso, quebra-se a relação de passividade do leitor e do espectador, pois o debate, o diálogo, seja ou não superficial, é algo inerente a essa disponibilização de arquivos, ou seja, estes trazem em si, as próprias marcas de suas diferentes formas de recepção.

Mais importante que isso, todavia, é a possibilidade que a rede apresenta de disponibilização de arquivos produzidos pelos próprios usuários. O mês de junho de 2013 pode comprovar o grande diferencial que isto significa, já que os arquivos produzidos pelos próprios usuários tiveram como objetivo não somente convocar as manifestações, como divulgar através de fotos e vídeos o que nelas acontecia. Assim, as redes sociais mostraram muitas ações policiais ocorridas nas manifestações e que não foram noticiadas pela mídia tradicional. Também se tornou usual a gravação de depoimentos pessoais. Uma jovem residente nos Estados Unidos gravou um vídeo que se tornou viral no qual falava sobre os motivos para não se ir à Copa do Mundo. Uma moradora do Leblon denunciou, de sua perspectiva, a truculenta ação policial contra jovens que, em protesto, estiveram alguns dias acampados em frente à casa do governador Sergio Cabral. Uma foto mostrava um policial atingindo uma jovem com spray de pimenta no rosto. Muitas fotos circularam na rede mostrando os ferimentos causados pelas balas de borracha atiradas pela polícia, entre elas a de uma jornalista da *Folha de S. Paulo*, atingida no olho. Muito deste material, do amador ao profissional, foi incorporado e reproduzido também pela mídia tradicional.

Entretanto, o que mais parece ter surpreendido no que diz respeito às manifestações iniciadas em junho de 2013 no Brasil foi o número de pessoas que aderiu e foi às ruas. Pergunta-se como um fenômeno iniciado de forma virtual pode ter o efeito de produzir uma mobilização tal a ponto de tantas pessoas arriscarem seus corpos reais? Deve haver algo inerente às redes sociais que possa explicar o fenômeno.

O primeiro passo seria o de desmistificar a maneira como se concebe o virtual. Segundo Pierre Lévy, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual. E, ao contrário do que comumente se pensa, tem pouco a ver com algo ilusório ou falso. “Trata-se, ao contrário”, diz Lévy, “de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitudo da presença física imediata”.<sup>22</sup>

O que seria, portanto, nesse contexto, o corpo? Para Lévy, a virtualização não significa uma descorporificação, mas uma nova forma de corporificação. O corpo biológico passa a ser “a atualização temporária de um hiper corpo híbrido, social e tecnobiológico”.<sup>23</sup> Seria, portanto, possível inferir que, ao invés do corpo recalcado da cultura do impresso, tem-se agora um corpo potencializado. Esse corpo se desdobra, em sua infinita possibilidade de virtualizar-se. Abdica da unidade espacial, mas vivencia a unidade temporal. Esse corpo participa ativamente de uma coletividade.

Com isto, a virtualidade transforma também as formas de subjetivação bem como a configuração da inteligência.

A palavra-chave aqui é desterritorialização. Não mais preso ao território do qual emerge o corpo biológico, o sujeito potencializa-se sempre para além, em novas formas de pertencimento coletivo. Pierre Lévy resalta que a coletividade está, desde sempre, na base de todo e qualquer exercício da inteligência, já que a atividade cognitiva humana é informada pelas instituições, pela linguagem, pelos sistemas de signos, pelas técnicas de comunicação, de representação e de registro, o que vem a determinar a historicidade de todo pensamento.<sup>24</sup> Ou seja, só é possível pensar aquilo que uma época permite a partir das formas de organização social e de linguagem disponíveis. Com isso, compreende-se que a cultura digital possa ser capaz de ser a força motriz da emergência de novas formas de consciência política e conseqüentemente de ações, tais como as manifestações iniciadas em junho no Brasil, que certamente contaram com a participação de indivíduos que, sem o auxílio da internet, não teriam se mobilizado.

Não cabe aqui avaliar a complexidade do quadro que se estabelece a partir daí, em suas inúmeras conseqüências, como as ações violentas ocorridas no mês de julho na zona sul carioca, em protestos em torno da casa do governador Sergio Cabral. Quem são efetivamente todos os indivíduos envolvidos? Quem os financia? São perguntas ainda sem resposta. Este artigo também não objetiva avaliar os riscos que possa haver no rápido engajamento de indivíduos até então alheios a qualquer forma de participação. Será de fato uma ameaça a linha tênue entre o recém-configurado sentimento cívico e o fascismo? Não cabe aqui responder. O que se tenta compreender é o fenômeno inicial, aparentemente espontâneo, que se inicia com a rede de computadores.

Pode-se afirmar que o pensamento político contemporâneo, principalmente para as novas gerações, está sendo formatado pela realidade virtual. Não é à toa que, em dado momento, as manifestações adquiriram um caráter metalinguístico e se voltaram contra os meios de comunicação, principalmente contra a maior rede de televisão do país, a Rede Globo, e passaram a afirmar o poder informativo da mídia alternativa. Não menos casual é o fato de que a repressão policial passou a atuar diretamente contra a mídia alternativa, como ocorreu com a prisão de membros do grupo denominado Mídia Ninja, dedicado a gravar e transmitir as manifestações ao vivo pela internet.

Tudo isso comprova que as novas gerações são plenamente conscientes do poder dos meios de comunicação na configuração daquilo que adquire ou não o estatuto de “verdade” dentro de uma sociedade. Com isto, se tornam conscientes também do poder transformador que a internet apresenta, ao possibilitar a utilização, por parte do cidadão comum, de recursos que tradicionalmente somente eram usados pelas grandes corporações, tal como as transmissões ao vivo de imagem e som.

Nesse sentido, é importante que se atente para o que foi dito nos segmentos anteriores deste artigo, acerca das mudanças ocorridas na palavra que se transmite virtualmente, por meio da escrita e da voz, bem como para a interação da linguagem verbal com a linguagem visual que se torna tão potente na rede de computadores.

Cabe lembrar que, em 1950, Oswald de Andrade, apresentou uma tese a USP, denominada *A crise da filosofia messiânica* para concorrer a uma cadeira em Letras e Filosofia. A tese constituía uma retomada das ideias



<sup>24</sup> Ver *idem, ibidem*, p. 95.

<sup>25</sup> ANDRADE, Oswald de. *A crise da filosofia messiânica*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1950, p. 82.

<sup>26</sup> GERBAUDO, Paolo. *Tweets and the streets: social media and contemporary activism*. London: Pluto Press, 2012, p. 144.

antropofágicas mas, dessa vez, o eixo central estava na previsão feita pelo poeta em torno da emergência de um “homem natural tecnizado” que, tendo dominado as tecnologias, estaria livre pra viver sua verdadeira vocação ao ócio em uma sociedade de direito materno, sem Estado e de propriedade comum do solo. A vaga da USP foi preenchida por Antonio Candido, porém a tese de Oswald se mostra hoje digna de muita reflexão por sua perspicácia em relacionar as transformações da sociedade pós-industrial com uma guinada radical na esfera política, advinda de uma gradual superação da sociedade patriarcal.

Também se torna impossível não relacionar o discurso apartidário, advindo de um longo processo de deslegitimação da política tradicional, com a superação do Estado de que fala Oswald e que, inevitavelmente, coloca em cena o anarquismo como proposta social. Claro que, em 1950, Oswald não poderia prever a configuração de uma realidade virtual, mas há, em sua proposta, vários pontos que se conectam com a guinada tecnológica que vivenciamos. Ao se dedicar à superação do patriarcado, Oswald fala da emergência de um humano que não só dominou as técnicas como também desinstitucionalizou as artes, que passam a se realizar como parte de sua vocação lúdica: “ainda uma vez hoje se procura justificar politicamente as artes, dirigi-las, oprimi-las, fazê-las servirem uma causa ou uma razão de Estado. E inútil. A arte livre, brinco e problema emotivo, ressurgirá sempre porque sua última motivação reside nos arcanos da alma lúdica”.<sup>25</sup>

Acredito que um dos fatores responsáveis pelo poder organizacional da rede de computadores resida no fato de que esta possibilita a ruptura entre as experiências estética e cotidiana. Na rede, circulam fotos, imagens, vídeos, músicas, piadas, colagens, narrativas de diferentes conteúdos em que, como já foi mencionado anteriormente, os papéis de produção e recepção se sobrepõem.

No que diz respeito à participação política dos usuários da rede, seria importante assinalar que toda e qualquer informação, quando acessada através das redes sociais não está isolada, como, por exemplo, na leitura do jornal impresso. A informação não só traz a marca de quem a compartilhou mas adquire, com isto, um grau de legitimidade que se mescla com a afetividade, medida pela relação de confiança que os usuários da rede estabelecem entre si.

Paolo Gerbaudo, em seu recente livro sobre o ativismo e as redes sociais, é bastante preciso ao afirmar que as interações pela internet não atuam no sentido de comunicar algo previamente organizado. Ao contrário, para o autor, “é a comunicação que organiza e não a organização que comunica”.<sup>26</sup> Ou seja, as transformações ocorridas na esfera da linguagem adquirem um papel central quando se fala na emergência desse novo cenário político configurado na rede. A comunicação não só é a própria organização como define as novas formas de politização e engajamento.

A própria mescla de conteúdos faz com que a informação de teor político esteja disponibilizada entre fotos pessoais e vídeos musicais. Com isso, torna-se muito mais fácil reconhecer a política não como algo identificado com o espaço público, distante, que deve ser resolvido por agentes sociais específicos, mas como mais uma variável do cotidiano, que não somente afeta como integra a vida privada. A política passa, assim, a ser algo com que, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, o indivíduo vem a se reconhecer e com a qual passa a desejar interagir.

Por outro lado, se a desterritorialização é uma marca da comunica-

ção, as manifestações iniciadas em 2010 demonstraram a importância dos espaços reais e de suas ocupações como formas integrantes do protesto. Segundo Paolo Gerbaudo, a escolha de espaços públicos historicamente representativos para agregar manifestantes funciona como uma forma de antídoto ao próprio caráter desterritorializado das interações no mundo virtual. A convocação para esses espaços traz consigo, ainda, a tendência a atenuar as diferenças entre os indivíduos já que se procuram locais de forte simbologia, seja política como o Palácio do Itamaraty em Brasília, seja como local que metonimiza a cidade, como a Ponte Hercílio Luz em Florianópolis, ocupada nas manifestações. Para Gerbaudo, os locais escolhidos emergem como monumentos no âmbito dos protestos que compensam a ausência de partidos e de estruturas organizacionais sólidas. Parte integrante da comunicação nas recentes manifestações, os locais de encontro e de protesto ocupam o vazio deixado pela ausência de lideranças claras e funcionam como contraponto à indeterminação em torno das identidades que interagem através das mídias sociais.<sup>27</sup>

Se a emergência dessa renovada forma de fazer política se oferece como consequência das transformações na esfera comunicacional, se é possível falar de uma maior eficácia comunicacional alcançada pela rede, isto se deve também ao fato de que a agilidade da conexão aproxima a escrita da fala. Segundo Pierre Lévy “correndo em redes, fluido, desterritorializado, mergulhado no meio oceânico do ciberespaço, esse texto dinâmico reconstitui, mas de outro modo e numa escala infinitamente superior, a co-presença da mensagem e de seu contexto que caracteriza a comunicação oral”.<sup>28</sup>

Mas esse resgate da interação que é crucial na oralidade e que se atualiza na comunicação virtual não significa para Lévy o fim do texto. Muito ao contrário: “a virtualização parece fazê-lo coincidir com sua essência subitamente desvelada”.<sup>29</sup> Nesse sentido, será importante compreender que a geração que se manifesta é composta por leitores muito distintos, cada vez mais afastados do silêncio, da passividade da leitura que se modelou na cultura do impresso. Esse leitor contemporâneo vai às ruas sem conhecer fronteiras entre a leitura e a ação.

Por outro lado, será importante lembrar que, se a oralidade ecoa no texto virtual, há a materialidade da voz dos arquivos de áudio: a voz que denuncia, a voz que conclama, as vozes em coro dos protestos, essas vozes que também proliferam na rede trazem em si algo de ambivalente, já que são simultaneamente *logos* e *phone*. Haveria, assim, uma tensão sempre presente entre a política e a voz, já que esta traz em si o elemento animal.<sup>30</sup>

Adriana Cavarero observa que o cenário contemporâneo requer a quebra da relação entre palavra e política e de algo que faça emergir o poder do prazer vocálico como contraposição ao que a linguagem traz em si de disciplinadora.<sup>31</sup> Essa nova perspectiva para a política certamente tem muito a dizer sobre a presença da voz enquanto matéria que se intercala com a escrita, tal como se dá na realidade virtual.

Antes de tudo, porém, a política hoje se diferencia por esse novo espaço de interconectividade em que escrita e leitura se encontram, como se a duplicarem os lugares intercambiáveis da fala e da escuta. Realizadas por seres cada vez mais expostos em suas singularidades, esse novo cenário político das manifestações vem surpreendendo a todos, há pouco mais de dois anos apenas. Se, por um lado, o fenômeno confirma o papel central das formas de comunicação dentro de uma sociedade, por outro,

<sup>27</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 156 e 157.

<sup>28</sup> LÉVY, Pierre, *op.cit.*, p. 39.

<sup>29</sup> *Idem, ibidem*, p. 50.

<sup>30</sup> Cf. DOLAR, Mladen. *A voice and nothing more, op. cit.*, p. 106.

<sup>31</sup> Ver CAVARERO, Adriana, *op. cit.*, p. 232.

demanda novas perspectivas para compreender a extensão das mudanças que ainda estão por vir.



*Artigo recebido em setembro de 2013. Aprovado em dezembro de 2013.*